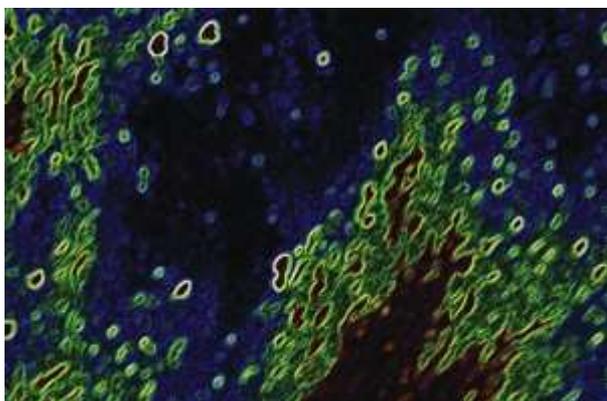


A ciência como fonte de inspiração artística



PIONEIRISMO

Artista plástica produz obras com imagens microscópicas de alecrim obtidas pela Esalq, num inovador exemplo de arte baseada na nanotecnologia

CAIO ALBUQUERQUE

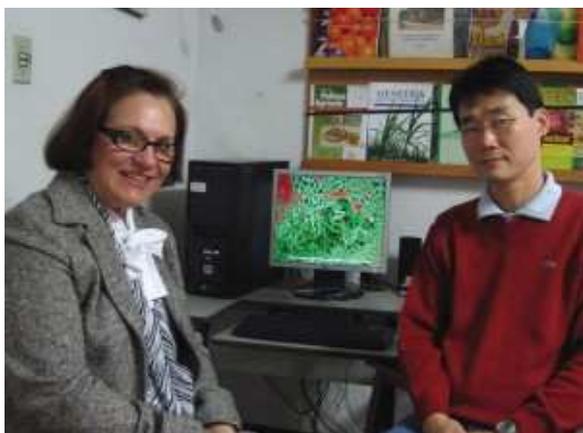
de Piracicaba

Segundo uma tradição cristã, o alecrim é uma planta abençoada, pois teria sustentado, para secar ao sol, as roupas do menino Jesus, lavadas por Maria no rio, quando a Sagrada Família fugia para o Egito. Tal narrativa chamou a atenção pelo valor espiritual e encantou a artista plástica Cristina Libardi, que há cerca de 15 anos vem desenvolvendo trabalhos empregando conceitos da arte contemporânea e resolveu adotar o alecrim em abordagem para sua pesquisa em nanoarte.

Recentemente, Cristina fez o primeiro curso oferecido no Brasil, fora do âmbito das universidades, sobre nanoarte. O curso foi promovido pelo Museu Brasileiro da Escultura (Mube), em São Paulo, pela artista midiática Anna Barros, que foi curadora, em 2008, da pioneira exposição “Nano: poética de um mundo novo – Arte-Ciência-Tecnologia”.

Para desenvolver esse trabalho e promover a interlocução com a ciência e a tecnologia, Cristina fez contato com o professor Francisco Tanaka, do Departamento de Fitopatologia e Nematologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, que, segundo ela, foi de importância fundamental. “Eu não imaginava que a Esalq estaria aberta para receber esse tipo de proposta, uma vez que esse movimento ainda é germinal”, diz a artista. “Mas o professor Tanaka foi receptivo e acabou abraçando esse projeto, e o diálogo tem sido muito profícuo.”

Com essa aproximação, a artista teve a oportunidade de conhecer o alecrim de forma microscópica. Na prática, ela vem trabalhando sobre imagens obtidas por meio dos microscópios de luz e o eletrônico de varredura do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Microscopia Eletrônica Aplicada à Pesquisa Agropecuária, onde o professor Francisco Tanaka atua, orientando projetos de melhoramento de citros, guaraná e outros produtos agrícolas. São registros visuais do alecrim com até 30 mil vezes de aumento, que recebem a interferência da artista em softwares de manipulação de imagens.



A artista Cristina Libardi, o professor Francisco Tanaka e a imagem microscópicas de alecrim (no alto): inspiradora união da arte com a ciência

Na prática, a intervenção ressalta aspectos do relevo e a topografia da planta expõe sinuosidades e evidencia traços da estrutura molecular a partir do emprego de cores e alteração de características como brilho e contraste. “Eu já conhecia as propriedades externas dessa planta mística e cheia de virtudes, segundo o conceito religioso e popular, mas agora vi e conheci sua formação interna”, afirma Cristina. “São imagens interessantes e belas, que se configuram numa espécie de renda e proporcionam condições para metáforas em meus trabalhos, nas quais procuro estabelecer relações imagéticas com conceitos ou ideias de forma criativa.”



Diálogo – Para Tanaka, olhar essas imagens com objetivo “extracientífico” é algo raro entre os pesquisadores. “Para nós, que trabalhamos com ciência diariamente, utilizando imagens microscópicas como base de informação científica, não é comum pensarmos nelas como fonte de inspiração artística. No entanto, se há um grupo de pessoas tentando unir essas duas manifestações, ciência e arte, de forma sistematizada e que traga algum efeito somatório, então acho válido”, salienta o professor. “É interessante notarmos que o que possui valor científico nem sempre terá valor estético ou filosófico, mas é justamente nesse diálogo que está o sentido dessa aproximação.”

Segundo Cristina, a arte não tem a pretensão de fazer ciência. “As áreas não se contrapõem, embora hoje a nanoarte esteja levando muitos cientistas a se aventurarem nas esferas artísticas das novas mídias”, destaca a artista. Para ela, trata-se de uma possibilidade de união e convívio entre áreas do saber tidas até há pouco tempo como antagônicas, e a real função disso é provocar insights, promover a criatividade unindo o cenário artístico e a esfera científica e tendo como aliada a tecnologia, para a obtenção de resultados que estejam a serviço da coletividade. “A nanoarte vem propor um mundo que sugere a interlocução sadia entre essas áreas do saber, ser promotora de alianças de criatividade em benefício do próprio ser humano”, finaliza.